

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**“OS ARQUITETOS DA FAMÍLIA”: RITUAIS  
FAMILIARES, COESÃO FAMILIAR E SATISFAÇÃO  
CONJUGAL EM CASAS PORTUGUESES**

**Teresa Maria Lourenço Azevedo**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2018**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**“OS ARQUITETOS DA FAMÍLIA”: RITUAIS  
FAMILIARES, COESÃO FAMILIAR E SATISFAÇÃO  
CONJUGAL EM CASAIS PORTUGUESES**

**Teresa Maria Lourenço Azevedo**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Carla Crespo**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2018**

## **Agradecimentos**

*À Professora Doutora Carla Crespo, por ser uma fonte de aprendizagem, suporte e inspiração, sem ela este caminho não teria sido tão iluminado.*

*Às Professoras de Psicologia Clínica Sistémica, pelo profissionalismo e dedicação.*

*À Dr.<sup>a</sup> Ana Tavares, pela partilha e disponibilidade ao longo desta etapa.*

*A cada casal que participou no estudo, por ajudarem a tornar esta dissertação possível, por me permitirem espreitar pela janela para o vosso mundo privado.*

*À Alexandra Quaresma, pela palavra certa na hora certa, pelo apoio e dedicação constante, pela amizade, mesmo longe esteve sempre tão perto.*

*À Cláudia Dias, por estar sempre disposta a ajudar, desde o primeiro ao último dia desta caminhada académica, contigo foi mais leve e positivo.*

*À Margarida Nery, por tornar este percurso mais alegre.*

*Às minhas queridas amigas “Sistémica Power”, e a cada uma em particular, por tornarem este caminho mais colorido e descontraído.*

*À Rita Lopes, pela sua energia contagiante.*

*À Jéssica Guedes, por ser uma das pessoas âncora que a faculdade me deu.*

*Aos meus pais, pelo incentivo e alegria com as minhas alegrias.*

*À minha família alargada, pela força e confiança.*

*À minha prima Filipa, pela disponibilidade e palavra amiga.*

*À minha Andreia, pelo bom humor e curiosidade (cuidadosidade) ao longo deste percurso.*

*Ao meu Gonçalo, pelo amor, compreensão e interesse no meu trabalho. É tão bom construir rituais contigo.*

*E por último, porque é sempre a primeira, à minha "bijou", por ser a minha avó querida, por levar a vida de forma leve, por ser o guia e pilar da minha vida. Serás sempre a minha pessoa “casa”, aquela que tem o sorriso mais reconfortante e a melhor gargalhada. Obrigada por festejares comigo esta vitória.*

*A ela, e a todos vós,*

*Muito obrigada!*

## Resumo

O presente estudo, no âmbito da Psicologia da Família, teve como principal objetivo examinar o papel mediador da coesão familiar na relação entre o significado dos rituais familiares e a satisfação conjugal a nível individual e diádico numa amostra de casais portugueses. Apesar de serem conhecidos os benefícios dos rituais familiares para indivíduos e famílias, a relação entre significado dos rituais e satisfação conjugal, e em especial, os possíveis mecanismos através dos quais esta relação ocorre permanecem ainda por examinar. Participaram no estudo 155 casais portugueses entre os 30 e 60 anos de idade, casados ou em união de facto com duração da relação entre 5 a 36 anos, com pelo menos um filho. Os participantes foram recrutados a partir da comunidade através de um processo de amostragem por conveniência, com recurso à estratégia “bola de neve”. O protocolo de investigação, preenchido por cada elemento do casal individualmente, incluía uma ficha de dados sociodemográficos e os seguintes instrumentos de auto-relato: *Family Ritual Questionnaire* (FRQ), de Fiese e Kline (1993<sup>b</sup>), para avaliar o significado dos rituais familiares; *Family Environment Scale* (FES), de Moos e Moos (1986), para avaliar a coesão familiar; e *Kansas Marital Satisfaction Scale* (KMSS), de Schumm et al. (1986), para avaliar a satisfação conjugal. Os resultados das correlações mostraram que o significado dos rituais familiares estava positivamente correlacionado com a coesão familiar e com a satisfação conjugal a nível individual e diádico; coesão familiar e a satisfação também estavam positivamente correlacionadas a nível individual e diádico. Atendendo ao modelo final construído com recurso aos modelos de equações estruturais, o significado dos rituais familiares, quer para homens, quer para mulheres, estava indireta, mas não diretamente, associado à satisfação conjugal do próprio e do cônjuge através da coesão familiar. Tal como previsto, a coesão revelou-se um mediador significativo destas associações. Finalmente, discutem-se à luz do modelo sistémico, os contributos desta investigação como ponto de referência para futuras investigações, bem como para a intervenção clínica com indivíduos, casais e famílias.

**Palavras-chave:** rituais familiares; coesão familiar; satisfação conjugal; casais.

## Abstract

The main goal of this study within Family Psychology was to examine the mediating role of family cohesion in linking family ritual meaning to relationship satisfaction at both the individual and partner levels. Although the benefits of family rituals for individuals and families are known, the specific link between ritual meaning and marital satisfaction, and the possible mechanisms through which it occurs are still to be examined. The sample included 155 Portuguese couples, aged between 30 and 60 years-old, married or cohabitating for 5 to 36 years and with at least one child. Participants were recruited from the community using a convenience sampling process and a snowball strategy. The research protocol was filled out individually by each partner; it included a sociodemographic questionnaire, as well as the following self-report measures: *Family Ritual Questionnaire* (FRQ) (Fiese & Kline, 1993<sup>b</sup>) for assessing family ritual meaning; *Family Environment Scale* (FES) (Moos & Moos, 1986) for assessing family cohesion, and *Kansas Marital Satisfaction Scale* (KMSS), (Schumm et al., 1986) for evaluating relationship satisfaction. Correlations showed that family ritual meaning was positively correlated with family cohesion and relationship satisfaction at both the individual and partner levels; family cohesion was also positively linked to relationship satisfaction for both individuals and their partners. The results from the final SEM model showed that both men and women's family ritual meaning were indirectly, but not directly, linked to the participants' and their partners' relationship satisfaction through family cohesion. As expected, family cohesion was shown to be a significant mediator of the aforementioned associations. Finally, the contributions of this study are discussed considering the systemic model. Implications for future studies, as well as for clinical interventions with individuals, couples and families are discussed.

**Keywords:** family rituals; family cohesion; marital satisfaction; couples.

## Índice

Introdução.....	6
Enquadramento Teórico.....	8
Rituais Familiares.....	8
Satisfação Conjugal.....	10
Coesão Familiar.....	13
O Presente Estudo.....	15
Método.....	16
Participantes.....	16
Procedimento.....	18
Instrumentos.....	18
Análise Estatística.....	19
Resultados.....	20
Diferenças de Médias.....	20
Correlações.....	21
Modelo de Mediação.....	22
Discussão.....	24
Limitações.....	29
Implicações para a Investigação e Prática Clínica.....	30
Conclusão.....	32
Referências Bibliográficas.....	34
Anexo.....	41
Anexo 1. Consentimento Informado.....	41

## **Índice de Tabelas**

**Tabela 1.** Caraterização da amostra.

**Tabela 2.** Testes *T*- amostras emparelhadas. Comparação entre mulheres e homens quanto ao significado dos rituais familiares, coesão e satisfação conjugal.

**Tabela 3.** Correlações entre as principais variáveis em estudo.

## **Índice de Figuras**

**Figura 1.** Modelo diádico (*path analysis*) para testar os efeitos diretos e indiretos entre o significado dos rituais familiares e satisfação conjugal, através da coesão familiar, a nível individual e diádico.

## Introdução

O estudo dos rituais familiares tem, desde meados do século XX despertado o interesse de clínicos (e.g. Palazolli, 1974, citado por Roberts, 1988) e investigadores (Bossard & Boll, 1950). É através dos rituais que as famílias constroem e mantêm laços familiares, sendo significativa a sua contribuição para as relações no contexto da família (Fiese 2006). Desta forma, os rituais são promotores de pertença e da coesão familiar (e.g. Imber-Black, Roberts, & Whiting, 2003; Fiese, 2006).

Na atualidade, ao mesmo tempo que os rituais são valorizados e esperados, falta tempo para os organizar. A vida familiar no século XXI é marcada por múltiplas exigências ao nível laboral e social que levam a menos tempo disponível para a família. Ainda assim, não devemos ter em conta apenas a quantidade de tempo familiar, mas também como este está estruturado, bem como a disponibilidade emocional para investir e sustentar os eventos familiares ao longo do tempo (Fiese, 2006). Revisitando a ideia de Virginia Satir dos elementos do casal como “arquitetos da família” (Satir, 1978), torna-se essencial considerar o papel do subsistema conjugal na vida ritual da família como um todo.

A presente dissertação inscreve-se no âmbito da Psicologia da Família, privilegiando uma perspetiva sistémica. A investigação que lhe subjaz tem como objetivo explorar as associações entre significado dos rituais familiares, coesão familiar e satisfação conjugal, numa amostra de casais portugueses. O facto de os participantes serem casais e não indivíduos permite examinar os resultados ao nível individual e diádico. Pretende-se, ainda, de forma complementar, examinar se estas variáveis familiares e conjugais variam de acordo com a idade, o sexo, a duração da relação e número de filhos. Apesar de a relação positiva entre significado dos rituais e satisfação conjugal já ter sido identificada (e.g. Crespo, Davide, Costa, & Fletcher, 2008; Fiese, Hooker, Kotary, & Schwagler, 1993<sup>a</sup>; Fiese & Tomcho, 2001), não se conhecem os mecanismos que a podem explicar. A nossa principal proposta ao longo deste estudo é apresentar e testar o papel mediador da coesão familiar na referida relação. Finalmente, pretende-se contribuir para o corpo de conhecimento empírico sobre rituais familiares e para o desenvolvimento de intervenções com o objetivo de promover a satisfação conjugal em casais portugueses.

A dissertação encontra-se organizada em cinco partes. Primeiro, inicia-se com o enquadramento teórico, onde apresentamos uma revisão de literatura dos principais construtos em estudo: significado dos rituais familiares, satisfação conjugal e coesão familiar.



Posteriormente, apresenta-se a metodologia, com a caracterização da amostra, apresentação dos instrumentos utilizados, assim como os procedimentos de recolha e análise dos dados. De seguida, apresentam-se os resultados obtidos a partir das análises estatísticas realizadas. Por fim, apresenta-se a discussão, que inclui uma reflexão sobre os resultados, as limitações e implicações, bem como as forças do presente estudo e as suas principais conclusões.

## Enquadramento Teórico

### Rituais Familiares

*“Os rituais são uma âncora para a família.”*

(Wolin & Bennett, 1984, p.408)

Os rituais familiares são eventos simbólicos, com um significado especial partilhado pelos elementos da família (Fiese, 2006). São atos que envolvem repetição, real ou imaginada e abarcam, não apenas a sua vivência, mas a preparação e integração dos mesmos (Imber-Black et al., 2003). Estes atos simbólicos refletem e fomentam a identidade familiar, pois através da sua vivência transmitem-se valores e crenças; desenvolve-se no contexto da participação nos rituais, um sentido de pertença ao grupo e de transmissão intergeracional da herança familiar (Fiese 2006; Fiese et al., 2002). Esta unicidade torna os rituais familiares *“janelas para a família e para o seu mundo privado”* (Wolin & Bennett, 1984, p.411). Segundo estes autores, o ritual liga passado, presente e futuro, ou seja, é possível que as práticas rituais da geração anterior sejam escolhidas e mantidas ou ajustadas pela geração presente.

Nos anos 80, Wolin e Bennett (1984) criaram uma tipologia dos rituais familiares que distingue celebrações familiares, mais ligadas à cultura e com um significado especial para as famílias, podendo incluir transições do ciclo de vida (e.g., casamentos e funerais), ou celebrações religiosas anuais (e.g., Natal e Páscoa); tradições familiares, menos ligadas à cultura e mais idiossincráticas para cada família (e.g., aniversários, férias e visitas à família alargada) e finalmente, as interações-padrão, rituais menos planeados e conscientemente executados, tais como a hora de jantar, momentos especiais à hora de deitar das crianças e atividades de lazer aos fins-de-semana. As interações auxiliam na definição de papéis e responsabilidades dos vários elementos e ajudam a organizar o quotidiano da família (Fiese, 2006; Wolin & Bennett, 1984).

Na literatura sobre os rituais familiares a distinção entre rotinas e rituais é uma questão incontornável. Fiese et. al. (2002) diferenciam estes dois conceitos recorrendo a três dimensões: comunicação, investimento e continuidade. No que concerne às rotinas, a primeira dimensão remete para o ato instrumental – *“isto é o que precisa de ser feito”*; a segunda dimensão remete para o carácter temporário e pouca consistência após a realização da rotina; a terceira dimensão

diz-nos que é diretamente observável e detetável por *outsiders*, e o comportamento repete-se ao longo do tempo. Contrastando com os rituais, a primeira dimensão remete para o ato simbólico – “isto é quem nós somos”; a segunda dimensão diz-nos que os rituais são duradouros e afetivos, e a experiência pode ser repetida na memória; a terceira dimensão remete para a extensão do significado através de gerações, sendo este interpretado pelos *insiders*.<sup>1</sup>

Segundo Crespo (2007) os rituais familiares têm sido associados a maior proximidade familiar e conjugal. Adicionalmente estes eventos têm sido apontados como protetores para as famílias em momentos de crise e *stress*, providenciando estabilidade durante esses períodos ao longo do ciclo de vida familiar e conjugal (Fiese, 2006; Imber-Black et al., 2003). Enquanto os rituais estão geralmente associados a sentimentos positivos, a sua interrupção ou modificação pode ter um efeito negativo (Crespo, 2007). Podem, por exemplo, ser ocasião de exclusão de membros da família, bem como levar a tensões quando a obrigação transpõe as possíveis conexões emocionais que podem ser estabelecidas durante estes eventos (Fiese, 2006). Deste modo, é crucial que para manterem o seu significado, os rituais devam responder às necessidades de mudança da família ao longo do tempo (Imber-Black et al., 2003).

Sendo os elementos do casal apontados como os “arquitetos da família” (Satir, 1978), é importante considerar o papel do subsistema conjugal na vida ritual da família como um todo. A preparação dos rituais familiares não é da exclusiva responsabilidade da díade conjugal, no entanto esta “equipa” tem um papel preponderante na sua organização (Crespo, 2007). De acordo com Fiese et al. (2002), quando se estudam os rituais familiares, foca-se no sistema familiar enquanto um todo, sendo essencial enquadrar e considerar o casal nesse sistema. Bertalanffy (1968) define sistema como um todo complexo constituído por vários elementos e pelas suas inter-relações, com uma organização própria e um significado único. Atendendo à propriedade sistémica da totalidade, a experiência pessoal, bem como a experiência ao nível conjugal dos rituais, é parte indissociável do todo, neste caso do significado dos rituais familiares; este todo não pode ser compreendido sem considerar as experiências pessoais dos vários elementos (partes) que constituem o sistema (Grácio, 2016). No início da formação do casal as duas famílias de origem podem “funcionar” como modelo para o jovem casal. Os

---

<sup>1</sup> As rotinas organizam a vida familiar, e a sua repetição ao longo do tempo pode transformá-las em rituais (Wolin & Bennett, 1984) através da antecipação e investimento emocional (Fiese, 2006). No entanto um ritual pode também reverter para rotina (Evans & Rodger, 2008) se começar a ser sentido como uma obrigação (Crespo, 2007). Fiese (2006) considera que as rotinas e rituais possibilitam às famílias aliviar o *stress* que pode advir das transições do ciclo de vida. No âmbito desta investigação privilegiámos o foco nos rituais familiares.

rituais podem ser inicialmente adotados de uma forma e mais tarde serem adaptados às necessidades e interesses que estão em mudança (Wolin & Bennett, 1984), o que envolve negociação do que manter e alterar das suas famílias de origem. Considerando os casais mais velhos como a personificação da sabedoria ritual, guardiões de memórias e histórias, é fulcral que *“os casais jovens sejam capazes de construir uma vida ritual que honre a história de cada cônjuge na sua família de origem e permita a afirmação da identidade da nova família”* (Crespo, 2007, p.57). .

Os estudos empíricos com rituais familiares têm mostrado, de forma sistemática, os efeitos positivos destes eventos na saúde e bem-estar de indivíduos e famílias, podendo aliviar o *stress*, fornecer apoio e conexão emocional, bem como sentimentos de pertença e proximidade familiar (e.g. Crespo et al., 2013; Fiese, 2006; Fiese et al., 2002), quer em contextos normativos, quer em contextos de adversidade, como é o caso das condições crónicas de saúde (e.g. Buchbinder, Longhofer, & McCue, 2009; Denham, 2003; Roberts, 2003; Rolland, 2003; Santos, Crespo, Silva, & Canavarro, 2012; Sloper, 2000). Ao nível dos benefícios dos rituais familiares para a relação conjugal, os estudos, que detalhamos na secção seguinte, são ainda escassos.

### **Satisfação conjugal**

*“As relações interpessoais íntimas e satisfatórias são, para a maioria dos indivíduos, a fonte de felicidade mais importante”*

(Vedes, Lind, & Lourenço, 2011, p.94)

Nas últimas décadas, a satisfação conjugal tem vindo a ser amplamente investigada devido à sua relevância para a compreensão das relações conjugais e familiares (Glenn, 2001, citado por Narciso & Costa, 2001). O desenvolvimento do casal encontra-se inscrito no desenvolvimento da família (Crespo, 2007). Assim, tal como as partes não podem ser compreendidas sem atender ao todo, a conjugalidade não pode ser compreendida sem atender à história da família. Narciso (2001) considera que satisfação e qualidade conjugal são conceitos diferentes, mas interligados. A qualidade conjugal remete para o desempenho na e da relação, esta pode ser avaliada por um observador externo, através de critérios definidos a

*priori*, resultantes de estudos empíricos acerca de relações conjugais. A satisfação remete para uma avaliação subjetiva e pessoal, a partir da percepção dos elementos do casal sobre a sua relação. Segundo a mesma autora, são vários os fatores influentes na satisfação conjugal, nomeadamente centrípetos, centrífugos e de tempo ou percurso de vida conjugal. Os fatores centrípetos incluem processos afetivos (e.g., amor, intimidade e compromisso), processos operativos ou comportamentais (e.g., comunicação, conflito e resolução de conflito, controlo relacional), e processos cognitivos (e.g., crenças, percepções, atribuições e expectativas). Os fatores centrífugos são mais periféricos relativamente ao *holon* conjugal. Neste fator inserem-se os fatores pessoais (pressupostos e padrões, características de personalidade, padrões de vinculação), os fatores contextuais (família de origem, rede social, escola, trabalho) e fatores demográficos (género, idade, nível socioeconómico). O fator tempo ou percurso de vida consiste no tempo de duração da relação, nos acontecimentos normativos e não normativos ao longo do ciclo de vida do casal.

Narciso e Costa (2001) consideram que a vivência da conjugalidade pressupõe passar por momentos de afetividade positiva e outros de afetividade negativa. “*As relações não são estáticas, unitárias e imutáveis, pelo contrário, fazem-se de experiências várias, diferentes estados de humor, prazeres e dores*” (Narciso & Ribeiro, 2009, p.60). Do mesmo modo, importa ressaltar que não devemos analisar a satisfação conjugal sem considerar a insatisfação. Todos os casais, mesmo os mais felizes, têm momentos de maior satisfação e outros de menor satisfação, ou até mesmo de insatisfação. No entanto, nas relações satisfeitas os comportamentos, sentimentos e pensamentos positivos predominam sobre os negativos (Gottman & Gottman, 2009; Vedes et al., 2011).

Relativamente à idade dos cônjuges, o estudo de Wendorf, Lucas, Imamoğlu, Weisfeld, e Weisfeld (2011) mostrou que a satisfação conjugal diminui com o aumento da idade para homens e mulheres. Contudo, o estudo de Matsumoto, Ghellere, Cassep-Borges, e Falcão (2017), concluiu que casais de meia-idade apresentavam maior satisfação conjugal comparativamente a casais jovens adultos. Neste sentido, devemos ter em conta que a relação transforma-se ao longo do ciclo de vida familiar, e o nível de satisfação pode variar ao longo dos anos.

Na esfera específica da conjugalidade, considerando o estudo de Brown (2007), os rituais de conexão (e.g., comunicar, passar tempo juntos, deixar notas, ler juntos) sendo repetitivos, coordenados e significativos, para ambos os elementos do casal, contribuem para

aumentar a sua satisfação conjugal. Especificamente, em relação aos rituais familiares, três estudos, de que tenhamos conhecimento, analisaram especificamente a relação entre rituais familiares e satisfação conjugal. O primeiro (Fiese et al., 1993<sup>a</sup>) verificou que quando os elementos do casal atribuíam mais significado aos rituais familiares também estavam mais satisfeitos com a sua relação conjugal. O outro estudo, de Fiese e Tomcho (2001), analisou a relação entre rituais familiares relativos a feriados religiosos e a satisfação conjugal. Estes autores encontraram uma associação positiva entre as duas variáveis (após controlar o nível de religiosidade de cada indivíduo) e, especificamente diferenças de sexo: nos homens era o significado dos rituais que estava positivamente associado à satisfação conjugal, enquanto nas mulheres eram as rotinas o elemento mais preponderante para a sua satisfação conjugal. Desta forma, podemos perceber que os dois elementos do casal podem experienciar a satisfação conjugal de diferentes formas (Acitelli, 1992, citado por Fiese & Tomcho, 2001). O estudo de Crespo et al. (2008) com casais portugueses apurou que quando os cônjuges reportavam mais significado dos rituais familiares também apresentavam níveis mais elevados de qualidade na relação conjugal. Ao nível diádico este estudo apenas encontrou uma associação negativa não esperada entre o significado dos rituais reportado pelos maridos e a qualidade da relação reportada pelas mulheres. Os autores, à data e com alguma reserva, interpretaram este resultado como uma possível percepção de ameaça para as mulheres os homens quererem participar nestes eventos que fariam parte do seu território de “poder” na esfera privada da família (Crespo et al., 2008).

Segundo Crespo et al. (2008) as mulheres são as guardiãs familiares – *kin keepers* (Leach & Braithwaite, 1996) – da família, estando envolvidas no planeamento, realização e manutenção dos rituais. Logo, dado o seu envolvimento nestes eventos parece plausível que os rituais tenham maior impacto nas suas vidas e na percepção dos seus relacionamentos (Crespo et al., 2008). Os rituais podem ser considerados eventos em que se exerce um certo poder familiar decorrente de decisões de como a família investe o seu tempo, como o organizam e como se orquestram as relações familiares, especificamente quem está dentro e quem está fora destes eventos. Simultaneamente os rituais familiares implicam, muitas vezes, trabalho e esforço de preparação e organização ligados à esfera doméstica. Tendo em conta vários autores (Lyonette & Crompton 2015; Perista, Cardoso, Brázia, Abrantes, & Perista, 2016) as tarefas domésticas, e focando em tarefas mais rotineiras (e.g., preparação de refeições, limpar a casa, cuidar da roupa, fazer compras) continuam a ser assumidas fundamentalmente por mulheres, apesar da sua crescente participação no mundo do trabalho. O homem continua a ser percebido

como o que apoia/ajuda e, por vezes, as expetativas relativamente à sua participação nas tarefas são tão reduzidas que a sua ajuda, embora pequena, seja considerada significativa. As assimetrias em torno dos papéis na esfera doméstica tem implicações para o convívio familiar, pois o tempo que se esperaria livre pode estar “invadido” por obrigações domésticas. Ainda assim, devemos “*considerar cada casal na sua singularidade e atender à forma idiossincrática como a equipa conjugal integra os papéis de género na vida ritual da família*” (Crespo, 2007, p.101).

Considerando a duração da relação, no estudo de Berg-Cross, Daniels, e Carr (1992), 77 mulheres foram divididas em quatro grupos: aquelas casadas por três anos ou menos, aquelas divorciadas depois de se terem casado por três anos ou menos, as casadas há dez anos ou mais e as que se divorciaram após terem casado por dez anos ou mais. As participantes que estavam em casamentos de longa duração tinham mais rituais e atribuíam maior significado aos mesmos relativamente às participantes em casamentos de longa duração que terminaram em divórcio. Os resultados indicaram que as mulheres nos dois grupos casados relataram envolver-se em mais rituais do que as mulheres dos dois grupos divorciados. Segundo os autores a ausência de rituais significativos pode ter contribuído para a rutura da relação.

### **Coesão familiar**

A coesão é, em conjunto com a flexibilidade e comunicação, uma das três dimensões que definem o funcionamento familiar de acordo com o Modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar de Olson (2000). No âmbito deste modelo, a coesão familiar é definida como a ligação emocional que se estabelece entre os membros de uma família, refletindo o equilíbrio entre independência e conexão entre os elementos da família (Olson, 2000). À luz desta dimensão as famílias podem apresentar diferentes níveis de coesão: desmembrado (coesão extremamente baixa), separado (coesão baixa/moderada), ligado (coesão moderada/alta) e emaranhado (coesão extremamente alta). Os níveis intermédios (separado e ligado) são mais adequados para o funcionamento familiar equilibrado, no entanto os membros podem oscilar entre os outros níveis em situações de *stress* ou em transições do ciclo vital familiar.

A relação entre coesão familiar e rituais familiares tem sido prevista na literatura (e.g. Fiese, 2006; Fiese et al., 2002) e testada empiricamente com amostras normativas (Crespo,

Kielpikowski, Pryor, & Jose, 2011; Eaker & Walters, 2002), e de famílias com crianças com condições crônicas de saúde como a asma (Santos et al., 2012), o cancro (Santos, Crespo, Canavarro, & Kazak, 2015, 2017) e epilepsia (Mendes, Crespo, & Austin, 2018). Na generalidade, os autores apontam para a existência de uma relação bidirecional entre estes dois constructos. Se é plausível considerar que famílias mais coesas podem ter mais recursos e motivação para investirem em rituais significativos, também se considera que os rituais promovem a coesão familiar através do fortalecimento dos laços entre os elementos da família (Evans & Rodger, 2008; Fiese et al., 2002; Imber-Black et al., 2003; Santos et al., 2017). A maioria dos estudos até à data optou por privilegiar testar as associações entre rituais enquanto variável independente e coesão como variável dependente, com uma exceção onde se avaliou não o significado mas a satisfação com os rituais familiares. Eaker e Walters (2002) verificaram que a associação entre coesão e maturidade psicossocial em adolescentes era mediada pela satisfação com os rituais familiares. Os restantes estudos, nomeadamente dois longitudinais (Crespo et al., 2011; Santos et al., 2017) optaram por testar a direção de influência dos rituais para a coesão familiar. Assim considera-se que os rituais criam um sentido de coesão familiar pois possibilitam a comunicação, apoio, interações positivas e envolvimento familiar (Kiser, Bennett, Heston, & Paavola, 2005; Wolin & Bennett, 1984). A interrupção dos rituais pode ameaçar a coesão (Fiese, 2006; Fiese et al., 2002; Santos et al., 2012; Santos et al., 2015).

Relativamente à relação entre coesão familiar e satisfação conjugal, pode-se compreender à luz da propriedade da totalidade, que o funcionamento da família como um todo tenha repercussões e receba influências do funcionamento dos diferentes subsistemas. Na literatura, a coesão familiar encontra-se positivamente associada à satisfação conjugal pré-natal (Lindahl, Clements, & Markman, 1997, citado por Pedro, Ribeiro, & Shelton, 2015). No estudo de Pedro et al. (2015), as autoras testaram o papel mediador da satisfação conjugal na associação entre as dimensões da vinculação romântica dos cônjuges (ansiedade e evitamento) e o funcionamento familiar (coesão, adaptabilidade e triangulação), numa amostra de 519 casais portugueses, casados ou a coabitar, com filhos dos 9 aos 13 anos. A satisfação conjugal dos homens e das mulheres mostrou-se mediadora desta associação. Num outro estudo, Campbell e Snow (1992) mostraram que homens com menor coesão familiar percecionavam menor satisfação conjugal, e consequentemente expressavam menos emoções, podendo ter maior dificuldade em fazê-lo. Também Henderson, Sayger, e Horne (2003), no contexto de uma amostra clínica de mães com sintomas depressivos verificaram que a insatisfação conjugal encontrava-se associada a níveis mais baixos de coesão familiar.



## O Presente Estudo

O objetivo principal da presente investigação é analisar as associações diretas e indiretas, através da coesão familiar, entre significado dos rituais familiares e satisfação conjugal a nível individual e diádico, numa amostra de casais portugueses. De acordo com a literatura revista, elaborámos as seguintes hipóteses de investigação:

*Hipótese 1.* Níveis mais elevados de significado atribuído aos rituais familiares estão associados a níveis mais elevados de coesão e de satisfação conjugal a) no próprio e b) no cônjuge.

Relativamente à associação entre rituais familiares e coesão, a nível individual esta está bem documentada, porém, não existem estudos que examinem as associações entre estas variáveis a nível do casal, ou seja, associações diádicas. Adicionalmente, com uma amostra de casais portugueses, Crespo et al. (2008) encontraram associações entre significado atribuído aos rituais familiares e qualidade relacional para homens e para mulheres. Os efeitos diádicos foram menos claros e suscitaram algumas questões neste estudo (a associação entre significado dos rituais reportado pelos homens estava associada a menor qualidade da relação avaliada pelas mulheres), pelo que importa esclarecer com esta nova amostra as associações diádicas entre rituais familiares e satisfação conjugal.

*Hipótese 2.* Níveis mais elevados de coesão estão associados a níveis mais elevados de satisfação conjugal a) no próprio e b) no cônjuge.

No que respeita à associação entre coesão familiar e satisfação conjugal, esta tem sido prevista na literatura e verificada empiricamente (e.g. Campbell & Snow, 1992; Henderson et al., 2003; Lindahl, Clements, & Markman, 1997). Na nossa investigação, importa verificar se a associação entre estas variáveis vai de encontro ao apurado nestes estudos, a nível individual e ainda testar as associações diádicas entre coesão familiar e satisfação conjugal, visto que não existem estudos, de que tenhamos conhecimento, que examinem estas associações com dados diádicos.

*Hipótese 3.* O significado dos rituais familiares está direta e indiretamente, através da perceção de coesão familiar associado à satisfação conjugal a) no próprio e b) no cônjuge.

A propriedade sistémica da totalidade fornece apoio para a formulação desta terceira hipótese. Tendo em conta que a família é um sistema, é mais do que a soma dos elementos que

a compõem. Assim, devemos considerar a família no seu todo, os subsistemas, o funcionamento individual, bem como a interação entre os vários membros. Dado que os rituais familiares promovem comunicação, apoio, interações positivas e envolvimento familiar (Kiser et al., 2005; Wolin & Bennett, 1984) entre os membros da família, consideramos que estes eventos são fatores importantes para o funcionamento familiar e conjugal. Assim, hipotetizamos que um dos mecanismos através dos quais o significado dos rituais familiares pode influenciar a satisfação conjugal é através do aumento dos níveis de coesão familiar.

Adicionalmente, testámos a existência de diferenças de sexo nas variáveis em estudo e examinámos as correlações entre estas e variáveis sociodemográficas (idade, duração da relação e número de filhos). Relativamente a estas análises que se revestiram de um cariz exploratório, não elaborámos hipóteses específicas.

## **Método**

### **Participantes**

A amostra foi constituída por 155 casais heterossexuais ( $N$  total=310) provenientes de cinco regiões de Portugal Continental e Ilhas, sendo a maioria dos participantes da zona Lisboa e Vale do Tejo 58.7% ( $n=91$ ) e Região Autónoma dos Açores 34.2% ( $n=53$ ). As mulheres tinham idades compreendidas entre os 34 e 57 anos ( $M = 43.59$ ;  $DP = 4.82$ ) e os homens idades entre os 30 e os 60 anos ( $M = 45.61$ ;  $DP = 5.30$ ). No que concerne à duração da relação verificou-se que os participantes estavam casados ou em união de facto entre 5 a 36 anos ( $M = 18.73$ ;  $DP = 5.63$ ). A maioria dos casais 58.7% ( $n=91$ ) tinha 2 filhos, 22.6% ( $n=35$ ), 12.3% ( $n=19$ ), 4.5% ( $n=7$ ), 1.3% ( $n=2$ ) e 0.6% ( $n=1$ ) tinham respetivamente 1, 3, 4, 5 e 6 filhos. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria das mulheres, 53.5% ( $n=83$ ) tinha concluído a licenciatura ou níveis mais avançados; quanto aos homens, a distribuição foi mais heterogénea, sendo que menos de metade ( $n=60$ ) tinham concluído a licenciatura ou níveis mais avançados. Relativamente à situação profissional, a maioria das mulheres, 94.2% ( $n=146$ ) e dos homens 92.9% ( $n=144$ ) encontravam-se empregados à data do estudo. Por último, no que diz respeito à religião, 84.5% ( $n=131$ ) das mulheres e 78.7% ( $n=122$ ) dos homens professavam uma religião. A Tabela 1 apresenta a descrição detalhada das caraterísticas sociodemográficas dos participantes.

**Tabela 1.** Caraterização da amostra (N=310): Principais variáveis sociodemográficas.

		Mulheres	Homens
<b>Região</b>	Norte	1 (0.6%)	
	Centro	7 (4.5%)	
	Lisboa e Vale do Tejo	91 (58.7%)	
	Algarve	3 (1.9%)	
	Açores	53 (34.2%)	
<b>Sexo</b>	Feminino	155 (100%)	
	Masculino		155(100%)
<b>Idade</b>	$M^1(DP)^2$	43.59 (4.82)	45.61 (5.30)
	Mín.-Máx.	34-57	30-60
<b>Escolaridade</b>	1º-4º ano	4 (2.6%)	10 (6.5%)
	5º-6º ano	7 (4.5%)	15 (9.7%)
	7º-9º ano	20 (12.9%)	24 (15.5%)
	10º-12º ano	40 (25.8%)	46 (29.7%)
	Licenciatura	60 (38.7%)	42 (27.1%)
	Pós-Licenciatura	23 (14.8%)	18 (11.6%)
<b>Situação Profissional</b>	Empregado	146 (94.2%)	144 (92.9%)
	Desempregado	2 (1.3%)	2 (1.3%)
	Baixa	-	1 (0.6%)
	Reformado	1 (0.6%)	4 (2.6%)
	Outra	4 (2.6%)	3 (1.9%)
<b>Duração da relação (anos)</b>	$M (DP)$	18.73 (5.63)	
	Mín.-Máx.	5-36	
<b>Número de filhos</b>	1	35 (22.6%)	
	2	91 (58.7%)	
	3	19 (12.3%)	
	4	7 (4.5%)	
	5	2 (1.3%)	
	6	1 (0.6%)	
<b>Religião</b>	Crente	131 (84.5%)	122 (78.7%)
	Não crente	20 (12.9%)	32 (20.6%)

Nota. <sup>1</sup>M= Média, <sup>2</sup>DP= Desvio-padrão.

## Procedimento

O presente estudo integrou uma investigação mais vasta denominada “Adaptação individual e familiar em famílias com crianças e adolescentes” que foi autorizado pela Comissão de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Os critérios de participação neste estudo foram: a) ser residente em Portugal, b) estar atualmente numa relação (casamento ou coabitação) há pelo menos seis meses e c) ter pelo menos um filho entre os 10 e os 18 anos com quem reside regularmente.

A recolha dos dados foi realizada entre o ano de 2016 e 2017. Recolheu-se uma amostra de conveniência na comunidade através do método “bola de neve”. A entrega dos questionários foi feita presencialmente pelos investigadores envolvidos no projeto, tendo sido pedido às famílias que respondessem, separadamente, mãe, pai e filho(a). Todos os participantes adultos receberam um consentimento informado específico para o mesmo (Anexo 1) onde eram apresentados os objetivos do estudo, as condições de participação (incluindo o consentimento fornecido para que o filho menor pudesse participar) e a possibilidade de desistência da participação em qualquer momento do preenchimento. De forma a clarificar possíveis dúvidas que pudessem surgir por parte dos participantes, foi fornecido o *email* do investigador principal e coordenadores do projeto. Os protocolos de investigação foram posteriormente recolhidos em envelopes selados pelos mesmos investigadores.

## Instrumentos

**Questionário do Rituais Familiares.** O significado dos rituais familiares foi avaliado através da versão portuguesa do Questionário dos Rituais Familiares (Fiese & Kline, 1993<sup>b</sup>; versão portuguesa: Crespo & Lind, 2004, citado por Crespo, 2007). No presente estudo utilizaram-se, em conjunto, três subescalas, a relativa à hora de jantar, a relativa ao fim-de-semana e a relativa às comemorações anuais, cada uma composta por 5 itens. Os participantes do estudo escolheram, entre duas opções, qual a afirmação que melhor descrevia a sua família (e.g., “Em algumas famílias, as pessoas fazem questão de jantar juntas” ou “Em outras famílias não é assim tão importante as famílias jantarem juntas”) e, de seguida, reportaram se a frase escolhida anteriormente era “Totalmente verdade” ou “Mais ou menos verdade”. Cada item corresponde a uma escala de *Likert* de 4 pontos, na qual valores mais elevados indicam maior significado dos rituais familiares. Neste estudo, para as mulheres, o alpha de Cronbach para o

total foi .82, e para os homens foi .83. Assim, no presente estudo, o valor dos alfas de Cronbach para este instrumento revelaram ter uma boa consistência interna (Pallant, 2005).

**Escala do Ambiente Familiar.** Para avaliar a coesão familiar recorreu-se à versão portuguesa da *Family Environment Scale* (FES) (Moos & Moos, 1986; versão portuguesa: Matos & Fontaine, 1992). Esta escala comporta três dimensões, sendo que uma das subescalas da dimensão Relacional é a *Coesão* que reflete o nível de compromisso, ajuda e suporte entre os elementos da família. Esta subescala é composta por 9 itens (e.g., “Podemos realmente contar uns com os outros na minha família”), que são respondidos a partir de uma escala de *Likert* de 6 pontos, que varia entre “Discordo totalmente” a “Concordo totalmente”. No presente estudo, o alpha de Cronbach para a subescala coesão foi de .82 para as mulheres e .79 para os homens, revelando ter uma boa consistência interna (Pallant, 2005).

**Escala de Satisfação Conjugal de Kansas.** A satisfação conjugal foi avaliada através da *Kansas Marital Satisfaction Scale* (KMSS) (Schumm et al., 1986; versão portuguesa: Antunes, Francisco, Pedro, Ribeiro, & Santos, 2014). A KMSS é uma escala breve composta por 3 itens (e.g., “Em que medida está satisfeito/a com a sua relação de casal?”) correspondentes à satisfação com o cônjuge, casamento e relação de casal. Cada item tem uma escala de *Likert* de 7 pontos, que varia entre “Extremamente insatisfeito/a” a “Extremamente satisfeito/a”. O alpha de Cronbach para este estudo foi de .97 para as mulheres e .98 para os homens, o que denota uma boa consistência interna (Pallant, 2005).

## Análise Estatística

Numa primeira fase realizaram-se três testes *t* para amostras emparelhadas, para averiguar a existência de diferenças de sexo ao nível do significado dos rituais familiares, coesão familiar e satisfação conjugal. De seguida, fez-se a análise de correlações entre as variáveis em estudo. Nestas duas primeiras análises recorreu-se ao *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) na versão 24.0 (IBM, SPSS Inc., Armonk, NY). A força das correlações foi analisada segundo os critérios de Cohen (1988), que considera que uma correlação é fraca quando *r* entre .10 a .29; moderada quando *r* entre .30 a .49 e forte quando *r* superior a .50.

Posteriormente, o modelo de mediação foi testado com um *path model* construído com base nos Modelos de Equações Estruturais (*Structural Equation Modeling*; SEM), usando o método da máxima verosimilhança com recurso ao *Analysis of Moment Structures* (AMOS) na

versão 24 (Arbuckle, 2013). De modo a avaliar a adequabilidade do modelo foram analisados os seguintes índices de ajustamento: o  $\chi^2$ , o *Comparative Fit Index* (CFI), e o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Os valores de CFI superiores a .95 foram considerados muito bons, e acima de .90, aceitáveis (Bentler & Bonett, 1980). Relativamente ao RMSEA, considerou-se que valores inferiores a .01 tinham um ajustamento excelente, valores entre .02 e .05 tinham um bom ajustamento e valores entre .05 e .08 tinham um ajustamento aceitável (Little, 2013). Para testar a significância dos efeitos indiretos, utilizou-se o método de reamostragem *bootstrapping* com 1000 amostras e um intervalo de confiança de 95% (Preacher & Hayes, 2004).

## Resultados

### Diferenças de Médias

Realizaram-se três testes *t* para amostras emparelhadas (Tabela 2) para averiguar a existência de diferenças de sexo ao nível do significado dos rituais familiares, da coesão familiar e da satisfação conjugal. Verificaram-se diferenças significativas no significado dos rituais familiares tendo as mulheres apresentado valores mais elevados. Não se encontraram diferenças de sexo na coesão familiar e na satisfação conjugal.

**Tabela 2.**

*Testes T- amostras emparelhadas. Comparação entre mulheres e homens quanto ao significado dos rituais familiares, coesão e satisfação conjugal.*

	Mulheres	Homens			
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>df</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Significado dos rituais familiares (FRQ)	3.44 (.46)	3.35 (.50)	154	2.96	.004
Coesão familiar (FES)	4.97 (.70)	4.90 (.64)	154	1.72	.09
Satisfação conjugal (KMSS)	6.10 (.99)	6.13 (1.13)	154	-.31	.76

*Nota.* *df*=degree of freedom/ grau de liberdade; \**p*<.05; \*\**p*<.01.

## **Correlações**

A nível individual, tanto para as mulheres como para os homens, o significado dos rituais familiares estava positivamente correlacionado com a coesão familiar (correlações fortes) e com a satisfação conjugal (correlações fracas). A correlação entre a coesão familiar e a satisfação conjugal era positiva e moderada para as mulheres e positiva e forte para os homens. A nível diádico o significado dos rituais familiares de homens e mulheres estava positiva e fortemente correlacionado. A correlação entre o significado dos rituais familiares reportado pelas mulheres e a coesão dos homens era positiva e moderada; a correlação entre o significado dos rituais familiares dos homens e a coesão das mulheres era positiva e forte. O significado dos rituais familiares, quer para homens, quer para mulheres, estava positivamente correlacionado com a satisfação conjugal de ambos os cônjuges (correlações fracas). Relativamente às correlações diádicas entre a coesão familiar e a satisfação conjugal, ambas eram positivas e moderadas.

A duração da relação conjugal apenas apresentou uma correlação negativa fraca com o significado dos rituais das mulheres, não estando associada a nenhuma outra variável. A idade, quer para homens, quer para mulheres estava também correlacionada, de forma negativa (correlação fraca), com o significado dos rituais familiares; a nível diádico a idade dos homens estava também negativa e moderadamente correlacionada com o significado dos rituais familiares das mulheres. A idade dos homens estava negativamente correlacionada com a coesão familiar e satisfação conjugal reportada por homens e mulheres (correlações fracas). Finalmente, também o número de filhos estava correlacionado fraco e negativamente com o significado dos rituais familiares das mulheres. As correlações são apresentadas detalhadamente na Tabela 3.

**Tabela 3.** Correlações entre as principais variáveis em estudo.

	<i>Mulheres</i>			<i>Homens</i>			<i>Variáveis do casal</i>		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<i>Mulheres</i>									
1. Significado dos rituais									
2. Coesão familiar	<b>.58**</b>								
3. Satisfação conjugal	<b>.26**</b>	<b>.47**</b>							
<i>Homens</i>									
4. Significado dos rituais	<b>.67**</b>	<b>.52**</b>	<b>.27**</b>						
5. Coesão familiar	<b>.43**</b>	<b>.71**</b>	<b>.39**</b>	<b>.52**</b>					
6. Satisfação do conjugal	<b>.26**</b>	<b>.39**</b>	<b>.51**</b>	<b>.25**</b>	<b>.50**</b>				
<i>Variáveis do casal</i>									
7. Idade (Mulheres)	<b>-.29**</b>	-.12	<b>-.20*</b>	-.14	-.15	-.15			
8. Idade (Homens)	<b>-.36**</b>	<b>-.22**</b>	<b>-.29**</b>	<b>-.18*</b>	<b>-.19*</b>	<b>-.19*</b>	<b>.81**</b>		
9. Duração da relação	<b>-.29**</b>	-.14	-.14	-.11	-.16	-.04	<b>.73**</b>	<b>.73**</b>	
10. Número de filhos	<b>-.17*</b>	-.03	.05	-.09	-.05	.03	<b>.29**</b>	<b>.28**</b>	<b>.25**</b>

Nota. \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$

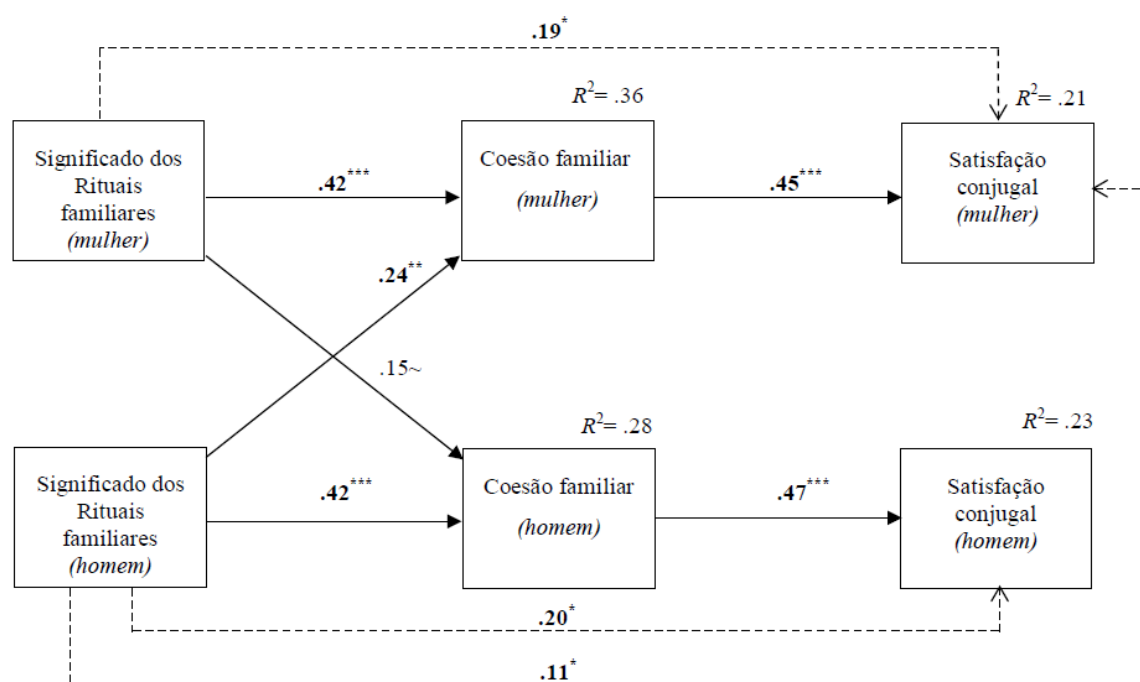
### Modelo de Mediação

Com recurso à SEM, foi construído um modelo diádico (*path analysis*) para examinar as associações diretas e indiretas entre o significado dos rituais familiares e a satisfação conjugal das mulheres e homens, através da coesão familiar enquanto potencial mediador. O modelo inicial não demonstrou um bom ajustamento. De acordo com o descrito por Kline (2011), procedeu-se à remoção das associações não significativas, nomeadamente as associações diádicas entre coesão familiar e satisfação conjugal e as associações entre significado dos rituais familiares e satisfação conjugal quer a nível individual, quer diádico. O segundo modelo testado (Figura 1) apresentou um bom ajustamento:  $\chi^2 = 3.39$ ;  $p > .05$ ; CFI = 1; RMSEA = .00.

Verificámos que as associações entre significado dos rituais familiares e satisfação conjugal eram apenas indiretas. Especificamente, encontraram-se dois efeitos indiretos significativos a nível individual e um a nível diádico. Os primeiros ocorreram entre o



significado dos rituais familiares da mulher e a satisfação conjugal da mulher através da coesão familiar ( $\beta = .19$ , 95% intervalo de confiança [CI= .09, .33]) e entre o significado dos rituais familiares do homem e a satisfação conjugal do homem através da sua percepção de coesão familiar ( $\beta = .20$ , 95% intervalo de confiança [CI= .12, .27]). O efeito indireto diádico verificou-se entre o significado dos rituais familiares do homem e a satisfação conjugal da mulher através da percepção de coesão familiar da mulher ( $\beta = .11$ , 95% intervalo de confiança [CI= .03, .19]). O efeito indireto entre o significado dos rituais familiares da mulher e a satisfação conjugal do homem não foi significativo ( $\beta = .07$ , 95% intervalo de confiança [CI= -.02, .18]).



*Nota.* Os valores a negrito representam coeficientes estandardizados relativamente aos caminhos entre variáveis (linha contínua) e aos efeitos indiretos (linha tracejada). Para simplificar, os caminhos não significativos e os erros não estão ilustrados na figura.

\*\*\* $p < .001$ ; \*\* $p < .01$ ; \* $p < .05$ ; ~ $p = .09$ .

*Figura 1.* Modelo diádico (*path analysis*) para testar os efeitos diretos e indiretos entre o significado dos rituais familiares e satisfação conjugal, através da coesão familiar, a nível individual e diádico. O modelo tem os seguintes valores de ajustamento:  $\chi^2(6, N = 155) = 3.39$ ;  $p > .05$ ; CFI = 1; RMSEA = .00.

## Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo examinar as associações entre significado dos rituais familiares, coesão familiar e satisfação conjugal, numa amostra de casais portugueses. Testaram-se três hipóteses principais que foram parcialmente apoiadas pelos resultados. Destaca-se o seguinte resultado principal: as associações entre significado dos rituais familiares e satisfação conjugal eram apenas indiretas através da coesão, tal como previsto na hipótese 3. Em suma, numa relação de casal, quando os homens e mulheres atribuíam mais significado aos rituais familiares, também reportavam maior coesão familiar o que contribuía para a sua satisfação conjugal. De seguida irão ser discutidos os resultados de forma mais detalhada, nomeadamente as diferenças de médias, a análise de correlações inicial e, finalmente, os resultados do modelo de mediação.

Verificou-se que as mulheres apresentavam níveis superiores aos homens ao nível do significado dos rituais familiares. Segundo Laird (1988, citado por Leon & Jacobvitz, 2003) as mulheres e homens podem perceber os rituais familiares de forma diferente pois desempenham papéis diferentes. Assim, este resultado vem ao encontro da conceptualização das mulheres como guardiãs – *kin keepers* (Leach & Braithwaite, 1996) – da família, sendo assim mais responsáveis do que os homens pelo planeamento, realização e manutenção dos rituais. Poder-se-á considerar que nos últimos anos tem havido rápidas mudanças na perceção dos papéis de género que poderá ter esbatido esta tradicional diferença entre homens e mulheres. Porém, um trabalho de investigação recente sobre os usos do tempo dos homens e mulheres em Portugal, com uma larga amostra conduzido por Perista et al. (2016) concluiu que as mulheres tinham mais responsabilidades pelas tarefas domésticas, apesar da sua crescente participação no mundo do trabalho, sendo o homem percebido como aquele que ajuda, as expectativas quanto à sua participação são tão reduzidas que a sua ajuda, embora pequena, é considerada significativa. Do mesmo modo, Lyonette e Crompton (2015) consideram que as mulheres realizam mais tarefas domésticas e sentem-se, assim, mais responsáveis pela sua organização do que os homens, apesar da sua entrada no mercado de trabalho. Adicionalmente, o facto de as mulheres reportarem níveis mais elevados de significado dos rituais pode ser explicado pelos papéis de género. Pelo facto de as mulheres serem socializadas para serem cuidadoras, poderá ser difícil reconhecer sentimentos negativos relativamente a atividades familiares. Visto que as mulheres estão mais envolvidas no planeamento e na realização de rituais, é plausível que os rituais tenham maior impacto nas suas vidas (Crespo, 2007). Não se

encontraram diferenças de sexo significativas ao nível da coesão familiar, nem ao nível da satisfação conjugal.

De seguida iremos explorar as correlações entre significado dos rituais familiares, coesão familiar e satisfação conjugal com as variáveis sociodemográficas (idade, duração da relação e número de filhos). A nível individual, tanto mulheres como homens mais velhos reportavam menor significado dos rituais familiares. Mais, o significado dos rituais familiares reportado pelas mulheres estava negativamente relacionado com a idade dos cônjuges e com a duração da relação conjugal. Pode-se considerar que casais mais jovens podem ter mais rituais e dar maior significado aos mesmos pois estes eventos contribuem para solidificar a sua relação. Pode-se também considerar que casais mais velhos poderão ter filhos já adolescentes e eventualmente jovens adultos. Embora a literatura tenha mostrado que estes também beneficiam dos rituais familiares, a sua presença menos assídua ou motivada nestes eventos pode espelhar-se num decréscimo do investimento dos próprios pais nestes eventos. O próprio instrumento de avaliação dos rituais utilizado poderá estar a captar o significado dos rituais mais próximo do que é vivenciado em fases mais iniciais do ciclo vital da família. No entanto, o significado dos rituais na geração mais velha é um campo ainda pouco explorado na literatura e novos estudos são necessários para mapear este significado ao longo do tempo individual e familiar.

Verificou-se, ainda, que quanto mais filhos tinha o casal, menor o significado dos rituais familiares percecionado pelas mulheres. Tendo em conta as características da nossa amostra, a maioria dos casais tinha dois filhos com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos. Alarcão (2002) diz-nos que esta pode ser a fase mais difícil do ciclo de vida familiar. Tendo em conta Crespo (2011) é fulcral os pais considerarem a necessidade de independência dos adolescentes, e a exploração de novos territórios (amorosos, amizades, desporto, escola), que por sua vez subtrai ao tempo familiar, devendo os pais gerir a participação dos filhos nos rituais familiares. Alarcão (2002) refere que os pais podem zangar-se com os filhos por estes não cooperarem nas tarefas domésticas familiares (e.g. pôr/ levantar a mesa). Neste sentido, o tempo que os adolescentes dedicam a rotinas e rituais familiares pode diminuir ao longo do tempo, ainda assim o significado simbólico e afetivo em relação aos mesmos pode permanecer (Fiese, 2006).

Nesta etapa do ciclo vital familiar, o casal pode reforçar a sua atenção à carreira profissional e fornecer suporte à geração mais velha (Alarcão, 2002; Relvas, 1996). Assim, a

díade conjugal pode sentir sobrecarga pois tem de prestar cuidados à geração mais velha e proteger a geração mais nova, sendo que estas duas gerações querem independência, mas também necessitam de dependência (Alarcão, 2002). Logo, podemos hipotetizar que quanto maior o número de filhos maior a sobrecarga sentida, menor disponibilidade para o investimento nos rituais familiares, e consequente diminuição do significado atribuído aos rituais, como verificámos no nosso estudo, no caso das mulheres.

Quanto à coesão familiar, homens mais velhos, mas não mulheres, reportaram níveis inferiores de coesão. Este resultado não é totalmente claro e não encontramos na literatura um suporte evidente para a sua explicação. Poder-se-á pensar que à medida que os filhos crescem, os pais homens poderão dedicar-se mais às suas carreiras e abraçar novos desafios, o que aliado aos movimentos de autonomia dos filhos, poderá traduzir-se numa perceção de menor coesão da família. O facto de as mulheres se identificarem mais com a sua família e se sentirem mais “responsáveis” pela mesma poderá significar que são mais positivas na sua avaliação (Fiese et al., 1993<sup>a</sup>). Verificou-se, ainda, que quer para mulheres, quer para homens, à medida que a idade era mais avançada, mais reduzida era a satisfação conjugal. Os nossos resultados vão ao encontro do estudo de Wendorf et al. (2011) que verificou que a satisfação conjugal diminuía com o aumento da idade dos homens e mulheres. Contudo, o estudo de Matsumoto et al. (2017), concluiu que casais de meia-idade apresentavam maior satisfação conjugal comparativamente a casais jovens adultos. Neste sentido, devemos ter em conta que a relação transforma-se ao longo do ciclo de vida familiar, e o nível de satisfação pode variar ao longo dos anos. Portanto, não devemos analisar a satisfação conjugal sem considerar a insatisfação (Narciso & Ribeiro, 2009).

Atendendo aos resultados globais (correlações e modelo de equações estruturais) os resultados confirmaram parcialmente a hipótese 1 a). Verificámos que a nível individual, tanto para as mulheres como para os homens, o significado atribuído aos rituais familiares estava positivamente correlacionado com a coesão familiar; relativamente à satisfação conjugal, apesar de a correlação entre esta e o significado dos rituais ser significativa, no modelo final a relação entre estas variáveis foi apenas indireta. Estes resultados vão ao encontro de estudos anteriores que apontam que os rituais são promotores de pertença e da coesão familiar (e.g. Crespo et al., 2011; Evans & Rodger, 2008; Fiese, 2006). O estudo de Santos et al. (2012) concluiu que um maior significado atribuído aos rituais familiares predizia níveis de coesão familiar mais elevados. Neste sentido, os rituais podem aumentar a coesão familiar através do

fortalecimento dos laços entre os membros da família (Fiese et al., 2002; Santos et al., 2015). Relativamente à satisfação conjugal, estudos anteriores também verificaram que quando os cônjuges atribuíam mais significado aos rituais familiares estavam mais satisfeitos com o seu relacionamento conjugal (Crespo et al., 2008; Fiese et al., 1993<sup>a</sup>). No estudo de Fiese e Tomcho (2001), verificou-se ainda um padrão diferente para homens e mulheres, pois a satisfação dos homens estava mais ligada ao significado ritual e a satisfação das mulheres às rotinas.

Os resultados apoiaram parcialmente a hipótese 1 b) relativa aos resultados diádicos. Primeiramente, importa salientar que não existem, a nível diádico, estudos que examinem as associações entre significado dos rituais familiares e coesão familiar. Verificámos que a nível diádico, considerando as análises de correlações, o significado dos rituais familiares, quer para homens, quer para mulheres estava positivamente correlacionado com a coesão familiar dos cônjuges. Atendendo aos resultados dos modelos de equações estruturais, o significado dos rituais familiares dos homens estava associado a maior coesão familiar das mulheres; no entanto a relação entre o significado dos rituais familiares das mulheres e a coesão familiar dos homens era apenas marginalmente significativa. Considerando que a coesão familiar é definida como a ligação emocional que se estabelece entre os membros de uma família, refletindo o equilíbrio entre independência e conexão entre os vários elementos que compõem o sistema (Olson, 2000), podemos hipotetizar que o significado atribuído aos rituais familiares por parte do homem influencia a coesão familiar da mulher por estas serem socializadas para obter proximidade emocional, enquanto os homens são socializados para desenvolver uma identidade mais independente (Hatfield, 1983, citado por Collins & Read, 1990). Logo, a coesão familiar da mulher pode aumentar quando o homem se torna próximo e atribui significado aos rituais familiares. A associação entre significado dos rituais familiares das mulheres e coesão familiar dos homens foi apenas marginalmente significativa possivelmente por estes desenvolverem uma identidade independente e poderem ficar menos suscetíveis à influência destes eventos familiares.

Os autores Crespo et al. (2008) encontraram associações entre significado atribuído aos rituais familiares e qualidade relacional para homens e mulheres, no entanto as associações diádicas entre as variáveis foram menos claras. No nosso estudo, atendendo às análises de correlações, o significado dos rituais familiares, quer para homens, quer para mulheres estava positivamente correlacionado com a satisfação conjugal dos cônjuges. No entanto, ao nível do modelo de mediação, a relação entre as variáveis foi apenas indireta através da coesão familiar.

Este resultado vai ao encontro do estudo de Fiese e Tomcho (2001), no qual a satisfação conjugal das mulheres estava relacionada não apenas com sua própria percepção de rituais familiares, mas também com a percepção do significado dos rituais dos seus maridos.

Verificou-se também que quanto mais os homens e mulheres percecionavam a sua família como coesa, mais satisfeitos estavam na sua relação conjugal, apoiando a hipótese 2 a). Estes resultados corroboram os de Campbell e Snow (1992), o qual mostrou que homens com menor coesão familiar percecionavam menor satisfação, e o estudo de Henderson et al. (2003), no qual a insatisfação conjugal das mulheres se encontrava associada a níveis mais baixos de coesão familiar. No estudo de Pedro et al. (2015) a satisfação conjugal das mulheres encontrava-se relacionada com a coesão familiar. Adicionalmente também o estudo de Kazmierczak e Blazek (2015) apresentou resultados semelhantes: homens que percecionavam o seu relacionamento como mais coeso apresentavam maiores níveis de satisfação; entre as mulheres, aquelas que percecionavam a relação como mais coesa apresentavam maior satisfação conjugal. Deste modo, para ambos a coesão estava relacionada de forma positiva com a satisfação conjugal.

Relativamente à hipótese 2 b), esta apenas recebeu apoio parcial. Primeiramente, importa salientar que não existem, a nível diádico, estudos que examinem as associações entre coesão familiar e satisfação conjugal. Embora as correlações diádicas entre coesão familiar e satisfação conjugal, quer para homens, quer para mulheres fosse positiva, no modelo final estas associações diádicas, ao contrário das individuais, deixaram de ser significativas. Assim se conclui que é sobretudo a percepção da coesão familiar do próprio, e não do cônjuge, que se associa ao modo como cada um avalia a sua satisfação na relação.

Finalmente, verificámos após o teste do modelo de mediação que as associações entre o significado dos rituais familiares e satisfação conjugal eram apenas indiretas através da coesão, assim como havia sido previsto na hipótese 3. Desta forma, foi confirmado o papel mediador da coesão familiar nestas associações. Verificámos dois efeitos indiretos significativos a nível individual e um a nível diádico. Quando os elementos do casal reportavam níveis mais elevados de significado atribuído aos rituais familiares, também reportavam níveis mais elevados de coesão familiar e, consequentemente estavam também mais satisfeitos na sua relação conjugal. Os rituais são promotores de pertença e da coesão familiar (Crespo et al., 2011; Evans & Rodger, 2008; Fiese, 2006) e têm sido associados a maior proximidade familiar e conjugal (Crespo, 2007). São vários os estudos que encontram associações positivas entre

coesão familiar e satisfação conjugal (Campbell & Snow, 1992; Henderson et al., 2003; Pedro et al., 2015). Assim, percebemos que as duas variáveis familiares (rituais e coesão) têm uma influência positiva na satisfação conjugal. De acordo com Fiese et al. (2002), quando se estudam os rituais familiares, foca-se no sistema familiar enquanto um todo, sendo essencial enquadrar e considerar o casal neste sistema. Desta forma, o desenvolvimento do casal encontra-se ligado ao desenvolvimento da família (Crespo, 2007). Considerando Narciso e Ribeiro (2009) todas as partes que compõem o sistema estão interligadas, sendo a relação conjugal produto da família como um todo e não resultado único de cada cônjuge. Em suma, atendendo à propriedade sistémica da totalidade não podemos reduzir a família à soma dos seus elementos (Alarcão, 2002; Bertalanffy, 1968).

A nível diádico, para as mulheres, mas não para os homens, quanto mais os seus maridos/companheiros atribuíam significado aos rituais familiares, mais consideravam que a sua família era coesa e mais satisfeitas estavam na relação. Este último efeito indireto pode ser explicado pelo facto das mulheres serem as *kin keepers* – (Leach & Braithwaite, 1996) – da família, sendo mais responsáveis do que os homens pelo planeamento, realização e manutenção dos rituais (Crespo et al., 2008). Tendo em conta que estas valorizam, esforçam-se e detêm o “papel principal” nos rituais familiares, o facto de os homens atribuírem significado aos rituais familiares é importante para as mulheres, neste caso para a sua satisfação conjugal. Este resultado contrasta com o de Crespo et al. (2008) em que quanto mais envolvidos estavam os maridos, menos satisfeitas estavam as mulheres. Será que em dez anos, as mulheres ficaram mais permeáveis e satisfeitas com o envolvimento dos homens no território dos rituais? Atualmente, apesar das diferenças de género persistirem, inclusivamente ao nível da participação nas tarefas domésticas, tarefas frequentemente implicadas nos rituais, talvez os casais sejam mais igualitários; pode-se hipotetizar que as mulheres não se sentem ameaçadas pelo facto de os homens também quererem participar nos rituais familiares, podendo até desejar que os companheiros tenham um papel mais ativo nestes eventos.

### **Limitações**

Uma das limitações deste estudo deve-se ao facto do desenho da investigação ser transversal, o que não permitiu atestar a causalidade entre as variáveis. Na generalidade, a literatura aponta para a existência de uma relação bidirecional entre rituais e coesão: se é plausível considerar que famílias mais coesas podem ter mais recursos e motivação para investirem em rituais significativos, também se considera que os rituais promovem a coesão

familiar através do fortalecimento dos laços entre os elementos da família (Evans & Rodger, 2008; Fiese et al., 2002; Imber-Black et al., 2003; Santos et al., 2017). Quanto à bidirecionalidade entre rituais e satisfação conjugal, sabe-se que o significado dos rituais familiares influencia positivamente a satisfação conjugal, sendo também plausível considerar que os casais mais satisfeitos com o seu relacionamento podem sentir maior motivação para criar rituais familiares significativos (Crespo, 2007; Crespo et al., 2008).

Outra das limitações é referente à amostra do estudo, esta foi maioritariamente recolhida em duas zonas do país (Lisboa e Vale do Tejo, e Açores). Embora seja uma amostra com uma dimensão ( $N= 310$ ) que nos permitiu testar as hipóteses formuladas, não apresenta a diversidade desejada, o que limita a generalização para a população portuguesa. Assim, a amostra poderia ter sido recolhida em mais cidades e em mais zonas rurais, sendo que ao nível dos rituais familiares a diferença regional e, mais especificamente, a diferença entre contextos rural e urbano são elementos a ter em conta em estudos sobre esta temática. Outra das limitações deve-se ao procedimento de aplicação dos protocolos. Os casais responderam aos questionários em casa, sem a presença dos investigadores, o que não permitiu assegurar a resposta às questões de forma individual e confidencial. No presente estudo, apesar do modelo de mediação proposto ter recebido suporte empírico, não podemos descartar a hipótese de uma terceira variável de cariz mais abrangente poder explicar as associações entre significado dos rituais familiares e satisfação conjugal.

### **Implicações para a Investigação e Prática Clínica**

Apesar das limitações supramencionadas, considera-se que o presente estudo contribui para o aprofundamento do conhecimento científico na área da família. Em futuros estudos, seria importante usar uma amostra de maiores dimensões e mais heterogénea, para tal deve-se aplicar os instrumentos a diferentes zonas geográficas de Portugal, de modo a que os resultados espelhem de forma mais próxima a realidade portuguesa. Para futuros estudos seria também interessante investigar outros possíveis mediadores que possam explicar a associação entre significado dos rituais familiares e satisfação conjugal. Sugerem-se investigações com um desenho de cariz longitudinal que permitissem esclarecer acerca das relações de causalidade entre as variáveis em estudo, o que acrescentaria um importante contributo para este domínio de conhecimento. Desta forma, seria pertinente perceber como os rituais familiares influenciam os casais em diferentes fases do seu ciclo de vida, e com filho(s) em diferentes fases de desenvolvimento. Seria especialmente inovador examinar o significado dos rituais na geração



mais velha, visto que é um campo ainda pouco explorado na literatura e novos estudos são necessários para mapear o papel dos rituais em fases tardias do desenvolvimento individual. Finalmente, sugere-se uma aposta futura em estudos metodológicos mistos. Seria interessante aprofundar através de uma entrevista que permitia a cada membro do casal falar livremente, por um lado dos seus rituais familiares, por outro sobre a sua perceção de coesão familiar e experiência na relação conjugal, isto para aprofundar os significados individuais relativamente a estas variáveis e melhor compreender a relação entre as mesmas. Desta forma, os elementos do casal não seriam apenas entrevistados separadamente, mas também em conjunto, para a co-construção de narrativas com díades conjugais. Esta metodologia permitiria um aprofundamento acerca das relações entre as variáveis familiares globais (rituais e coesão) e a variável conjugal relativa à satisfação com a relação.

Os resultados do presente estudo têm implicações relevantes para a prática clínica. No contexto específico de famílias menos ritualizadas, o terapeuta pode auxiliar a família na seleção de um local, formato e objetivo apropriado para a criação de um novo ritual que atenda às necessidades atuais do sistema. Deve-se adequar a intervenção ao momento do ciclo de vida que a família, ou os indivíduos e os casais que a compõem atravessam (Crespo, 2007). A intervenção ao nível da díade conjugal possibilita que esta beneficie de um contexto familiar propício ao desenvolvimento saudável. Ainda assim, o sistema familiar deve ser considerado quando se trabalha com casais. Considerando Crespo (2007) é importante explorar o investimento que o casal faz nos rituais; como trabalham em equipa nestes eventos; se há acordo quanto à divisão de tarefas/ divisão de papéis, para tal o casal deve ser ouvido para melhor negociar a preparação dos rituais; negociar a integração das respetivas famílias de origem nos momentos dos rituais; as facetas da herança ritual das duas famílias de origem vão ou não ser adotadas pelo casal e como; bem como as perceções de coesão familiar, isto é, deve-se avaliar a ligação emocional, cooperação e envolvimento familiar.

No caso específico de intervenção com casais mais novos é importante compreender os rituais das suas famílias de origem, as incertezas e visões discordantes que possam surgir desta fase. Especificamente, é importante avaliar se o casal está a construir uma visão partilhada sobre os rituais familiares e perceber o impacto que estes eventos poderão ter na relação conjugal. No caso de casais mais velhos é importante explorar a sua perceção de satisfação/ insatisfação no momento atual, e acontecimentos “críticos” que ocorreram no passado. Perante casais insatisfeitos, pode-se revisitar o seu percurso conjugal enquanto ritualizadores, e

colaborar na construção de uma narrativa conjugal mais adaptativa. Em geral, tanto em casais com pouco tempo de relação, como em casais com relação longa, exploraria como estes descrevem os rituais, se com detalhes únicos ou de forma geral, especificamente, ao nível dos rituais de casal, se existem datas importantes e se continuam a ser consideradas e celebradas (Crespo, 2007).

A intervenção ao nível diádico pode prevenir futuros problemas relacionais, nomeadamente diminuir o risco de conflito e de insatisfação conjugal, assim como evitar o divórcio. Na atualidade estamos perante vários desafios, tais como altas taxas de divórcio, 70% de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2016); múltiplas exigências ao nível familiar e profissional; flutuações ao nível das relações conjugais e profissionais. Perante este cenário desafiante os rituais são protetores, têm uma função de união e afeto o que contribui para a construção da identidade familiar; e a coesão possibilita a comunicação, apoio, interações positivas, ligação emocional e envolvimento familiar (Kiser et al., 2005; Olson, 2000; Wolin & Bennett, 1984). O presente trabalho comprova a importância dos rituais familiares e da coesão familiar para o sistema familiar e, especificamente, para as relações conjugais. Desta forma, são construtos que devem ser considerados e valorizados na intervenção com indivíduos, casais e famílias.

## **Conclusão**

A presente investigação apoia e expande o corpo de investigação que atesta a importância do significado dos rituais familiares e da coesão familiar para o sistema familiar e, especificamente, para as relações conjugais. Este estudo apresenta vários pontos fortes: utilizou um modelo diádico para testar os efeitos diretos e indiretos entre as variáveis em estudo; testou um modelo que, de forma inovadora, posicionou a coesão familiar como mediadora entre o significado dos rituais familiares e a satisfação conjugal e incluiu os dois elementos da díade conjugal enquanto informantes familiares significativos. Adicionalmente, os seus resultados têm potenciais implicações práticas para o trabalho terapêutico com indivíduos, casais e famílias. Por fim, ilustra como as variáveis familiares (significado dos rituais familiares e coesão familiar) estão ligadas às relações de casal. De acordo com Fiese et al. (2002) quando se estudam os rituais familiares, foca-se no sistema enquanto um todo, sendo essencial enquadrar e considerar o casal neste sistema. Assim, o estudo destas relações adquire uma relevância especial. As características dos contextos macro atuais (rápidas mudanças e ritmo da vida quotidiana, tempo escasso) reforçam a importância de se realizarem eventos

especiais que tornem significativo o parco e desejado tempo em família. Tendo em conta o carácter profundamente idiossincrático dos rituais, a aposta na construção destes eventos tão universais quanto únicos não compete diretamente aos investigadores ou terapeutas, estes poderão ser facilitadores, mas cabe a cada família e casal em particular a construção da sua vida ritual.

*“São eles os principais autores da sua história e arquitetos do seu futuro e, em última instância, os mais habilitados para criar magia em torno dos seus universos relacionais.”*

(Crespo, 2007, p.388)

### Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Antunes, N., Francisco, R., Pedro, M., Ribeiro, M.T., & Santos, S. (2014). *Escala de satisfação conjugal de Kansas*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Arbuckle, J. L. (2013). *IBM SPSS AMOS 22 User's Guide*. Springhouse: Amos Development Corporation.
- Bentler, P. M., & Bonett, D. G. (1980). Significance tests and goodness of fit in the analysis of covariance structures. *Psychological Bulletin*, 88(3), 588–606. doi: 10.1037/0033-2909.88.3.588
- Berg-Cross, L., Daniels, C., & Carr, P. (1992). Marital rituals among divorced and married couples. *Journal of Divorce and Remarriage*, 18(1), 169-187. doi: 10.1300/J087v18n01
- Bertalanffy, L. von (1968). *General system theory: Foundations, development, applications*. New York: George Braziller.
- Bossard, J. H. S., & Boll, E. S. (1950). *Ritual in family living: A contemporary study*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Brown, H. H. (2007). *Examining the relationship between connection rituals and marital satisfaction: A correlational study*. (Dissertação de mestrado). Retirado de <https://digitalcommons.usu.edu/etd/2839>
- Buchbinder, M., Longhofer, J., & McCue, K. (2009). Family routines and rituals when a parent has cancer. *Families, Systems, & Health*, 27(3), 213–227. doi: 10.1037/a0017005
- Campbell, J. L., & Snow, B. M. (1992). Gender role conflict and family environment as predictors of men's marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 6(1), 84-87.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2ª Ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. doi: 10.1037/0022-3514.58.4.644
- Crespo, C. (2007). *Rituais familiares e o casal: Paisagens inter-sistémicas*. (Tese de doutoramento). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Crespo, C. (2011). “À mesa com a família”: Rituais familiares ao longo do ciclo de vida. In P. Matos, C. Duarte & M. Costa (Eds.), *Famílias: Questões de Desenvolvimento e Intervenção*. 81-102. Porto: LivPsic.
- Crespo, C., Davide, I. N., Costa, M. E., & Fletcher, G. J. (2008). Family rituals in married couples: Links with attachment, relationship quality, and closeness. *Personal Relationships*, 15(2), 191-203. doi: 10.1111/j.1475-6811.2008.00193.x
- Crespo, C., Kielpikowski, M., Pryor, J., & Jose, P. E. (2011). Family rituals in New Zealand families: Links to family cohesion and adolescents' well-being. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 184-193. doi: 10.1037/a0023113
- Crespo, C., Santos, S., Canavarro, M. C., Kielpikowski, M., Pryor, J., & Féres-Carneiro, T. (2013). Family routines and rituals in the context of chronic conditions: A review. *International Journal of Psychology*, 48(5), 729-746. doi: 10.1080/00207594.2013.806811
- Denham, S. A. (2003). Relationships between family rituals, family routines, and health. *Journal of Family Nursing*, 9(3), 305–330. doi: 10.1177/1074840703255447
- Eaker, D. G., & Walters, L. H. (2002). Adolescent satisfaction in family rituals and psychosocial development: A developmental systems theory perspective. *Journal of Family Psychology*, 16(4), 406-414. doi: 10.1037//0893-3200.16.4.406
- Evans, J., & Rodger, S., (2008). Mealtimes and bedtimes: Windows to family routines and rituals. *Journal of Occupational Science*, 15(2), 98-104. doi: 10.1080/14427591.2008.9686615
- Fiese, B. H. (2006). *Family routines and rituals*. New Haven: Yale University Press.

- Fiese, B. H., Hooker, K. A., Kotary, L., & Schwagler, J. (1993<sup>a</sup>). Family rituals in the early stages of parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 55(3), 633-642. doi: 10.2307/353344
- Fiese, B. H., & Kline, C. A. (1993<sup>b</sup>). Development of the family ritual questionnaire: Initial reliability and validation studies. *Journal of Family Psychology*, 6(3), 290-299. doi: 10.1037/0893-3200.6.3.290
- Fiese, B. H., & Tomcho, T. J. (2001). Finding meaning in religious practices: The relation between religious holiday rituals and marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 597-609. doi: 10.1037//0893-3200.15.4.597
- Fiese, B. H., Tomcho, T. J., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S., & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration? *Journal of Family Psychology*, 16(4), 381-390. doi:10.1037//0893-3200.16.4.381
- Gottman, J. M., & Gottman, J. S. (2009). Gottman method couple therapy. In A. Gurman (Ed.), *Clinical Handbook of Couple Therapy*. 138-164. New York: Guilford Press.
- Grácio, D. M. Á. (2016). *Rituais familiares e percepção de falso self em adultos emergentes*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Henderson, A. D., Sayger, T. V., & Horne, A. M. (2003). Mothers and sons: A look at the relationship between child behavior problems, marital satisfaction, maternal depression, and family cohesion. *The Family Journal*, 11(1), 33-41. doi: 10.1177/1066480702238469
- Imber-Black, E., Roberts, J., & Whiting, R. A. (2003). *Rituals in families and family therapy*. New York: Norton.
- Instituto Nacional de Estatística (2016). *Estatísticas Demográficas 2016*. Lisboa: INE. Retirado de [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine\\_main&xpid=INE&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE&xlang=pt)
- Kazmierczak, M., & Blazek, M. (2015). Attachment styles as predictors of the perception of couples' cohesion. *Social Behavior and Personality*, 43(6), 1055- 1056. doi: 10.2224/sbp.2015.43.6.1055

- Kiser, L. J., Bennett, L., Heston, J., & Paavola, M. (2005). Family ritual and routine: Comparison of clinical and non-clinical families. *Journal of Child and Family Studies*, 14, 357-372. doi: 10.1007/s10826-005-6848-0
- Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling* (3<sup>rd</sup> Ed.). New York: The Guilford Press.
- Leach, M. S., & Braithwaite, D. O. (1996). A binding tie: Supportive communication of family kinkeepers. *Journal of Applied Communication Research*, 24(1), 200–216. doi: 10.1080/00909889609365451
- Leon, K., & Jacobvitz, D. B. (2003). Relationships between adult attachment representations and family ritual quality: A prospective, longitudinal study. *Family Process*, 42, 419–432. doi:10.1111/j.1545-5300.2003.00419.x
- Lind, W. (2008). *Casais biculturais e monoculturais: Diferenças e recursos*. (Tese de doutoramento). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Lindahl, K. M., Clements, M., & Markman, H. (1997). Predicting marital and parenting functioning in dyads and triads: A longitudinal investigation of marital processes. *Journal of Family Psychology*, 11(2), 139–151. doi 10.1037/0893-3200.11.2.139
- Little, T. D. (2013). *Longitudinal structural equation modeling*. New York: Guilford Press.
- Lyonette, C., & Crompton, R. (2015). Sharing the load? Partners' relative earnings and the division of domestic labour. *Work, Employment and Society*, 29(1), 23-40. doi: 10.1177/0950017014523661
- Matos, P. M., & Fontaine, M. (1992). *Family environment scale. Adaptação portuguesa* [Family Environment Scale – Portuguese version]. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto. Porto, Portugal.
- Matsumoto, C. D., Ghellere, C. B., Cassep-Borges, V., & da Silva Falcão, D. V. (2017). Amor, beleza, satisfação conjugal, e relações familiares: Um estudo com casais jovens adultos e de meia-idade. *Revista Kairós: Gerontologia*, 20(1), 369-388. doi: 10.23925/2176-901X.2017v20i1p369-388

- Mendes, T. P., Crespo, C. A., & Austin, J. K. (2018). Family rituals in pediatric epilepsy: Links to parental competence and adaptation. *Journal of Family Psychology*, 32(2), 165-174. doi: 10.1037/fam0000359
- Moos, R. H., & Moos, B. S. (1986). *Family environment scale manual* (2<sup>nd</sup> Ed.). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: À procura do padrão que liga*. (Tese de doutoramento). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Narciso, I., & Costa, M. E. (2001). Percursos de mudança na qualidade conjugal: Fragmentos de um estudo sobre conjugalidades satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17(18), 181-195.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Editora Coisas de Ler.
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. M. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584. doi: 10.1590/S1413-294X2004000300020
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(1), 144-167. doi: 10.1111/1467-6427.00144
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (Version 12)* (2<sup>a</sup> Ed.). Crows Nest, NSW: Allen & Unwin.
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2015). Romantic attachment and family functioning: The mediating role of marital satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 24(11), 3482-3495. doi: 10.1007/s10826-015-0150-6
- Perista, H., Cardoso, A., Brázia, A., Abrantes, M., & Perista, P. (2016). Os usos do tempo de homens e de mulheres em Portugal. *Lisboa, Projeto INUT, CITE*.



- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effects in simple mediation models. *Behavior Research Methods, Instruments & Computers*, 36(4), 717–731. doi: 10.3758/BF03206553
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspetiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamentos.
- Roberts, J. (1988). Ritual themes in families and family therapy. In Imber-Black, E., Roberts, J. & Whiting, R. (Eds.), *Rituals in Families and Family Therapy*. 3-46. New York: Norton.
- Roberts, J. (2003). Rituals and serious illness: Marking the path. In E. Imber-Black, J. Roberts & R. Whiting (Eds.), *Rituals in Families and Family Therapy*. 237–252. New York: Norton.
- Rolland, J. (2003). Mastering family challenges in illness and disability. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes*. 460–489. New York: Guilford Press.
- Santos, S., Crespo, C., Canavarro, M. C., & Kazak, A. E. (2015). Family rituals and quality of life in children with cancer and their parents: The role of family cohesion and hope. *Journal of Pediatric Psychology*, 40(7), 664-671. doi: 10.1093/jpepsy/jsv013
- Santos, S., Crespo, C., Canavarro, M. C., & Kazak, A. E. (2017). Parents' romantic attachment predicts family ritual meaning and family cohesion among parents and their children with cancer. *Journal of Pediatric Psychology*, 42(1), 114-124. doi: 10.1093/jpepsy/jsw043
- Santos, S., Crespo, C., Silva, N., & Canavarro, M. C. (2012). Quality of life and adjustment in youths with asthma: The contributions of family rituals and the family environment. *Family Process*, 51(4), 557-569. doi:10.1111/j.1545-5300.2012.01416.x
- Satir, V. (1978). *Your many faces: The first step to being loved*. Celestial Arts.
- Schumm, W., Paff-Bergen, L., Hatch, R., Obiorah, F., Copeland, J., Meens, L. & Bugaighis, M. (1986). Concurrent and discriminant validity of the Kansas marital satisfaction scale. *Journal of Marriage and Family*, 48(2), 381-387. doi: 10.2307/352405
- Sloper, P. (2000). Experiences and support needs of siblings of children with cancer. *Health & Social Care in the Community*, 8(5), 298–306. doi: 10.1046/j.1365-2524.2000.00254.x

- Vedes, A. M., Lind, W., & Lourenço, M. (2011). Fundamentos para o desenho de estratégias de prevenção para a promoção da satisfação e da resiliência conjugal. *Psicologia*, 25(1), 91-112.
- Wendorf, C. A., Lucas, T., Imamoğlu, E. O., Weisfeld, C. C., & Weisfeld, G. E. (2011). Marital satisfaction across three cultures: Does the number of children have an impact after accounting for other marital demographics?. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42(3), 340-354. doi: 10.1177/0022022110362637
- Wolin, S. J., & Bennett, L. A. (1984). Family rituals. *Family Process*, 23, 401-420.

## Anexos

### Anexo 1. Consentimento Informado



Destinados a: Pais

Protocolo: \_\_\_\_\_

NI: \_\_\_\_\_

#### Projecto de Investigação

Adaptação individual e familiar em famílias com crianças e adolescentes

**Objectivo Geral:** Compreender o bem-estar individual e familiar em famílias com crianças ou adolescentes através da identificação de factores de protecção e de risco. Pretende-se recolher informação que possa, futuramente, contribuir para uma melhoria da intervenção junto das famílias. **Instituição:** A presente investigação tem sede na Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa. O tratamento dos dados é da exclusiva responsabilidade dos investigadores envolvidos.

**Papel dos Participantes:** A sua participação neste projecto consiste no preenchimento um questionário sociodemográfico e questionários de auto resposta, com uma duração aproximada de 30 minutos. Solicitar-se-á também ao(à) seu(a) filho(a) que responda a um conjunto de questionários semelhantes aos seus. Assume-se como compromisso que a sua colaboração será **completamente voluntária**, em qualquer momento e por qualquer motivo pode negar-se a responder a qualquer pergunta e/ou desistir de colaborar sem qualquer prejuízo. A informação obtida é **absolutamente confidencial**, uma vez que todos os questionários apenas serão identificados com através de um código. **Caso deseje conhecer o sumário dos resultados deste estudo em linguagem não técnica, pode contactar-nos para esse fim através dos contactos de e-mail indicados no final da página.**

**Papel dos Investigadores:** A informação adquirida tem como fim apenas a investigação e todos os dados obtidos são absolutamente confidenciais e serão tratados colectivamente. Para qualquer esclarecimento adicional pode contactar o investigador.

**Responsável pelo projecto:** Dr.ª Ana Tavares (ana.af.tavares@gmail.com)

**Coordenadores do projecto:**

Professora Doutora Carla Crespo ([carlacrespo@psicologia.ulisboa.pt](mailto:carlacrespo@psicologia.ulisboa.pt))

Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro ([mteresaribeiro@psicologia.ulisboa.pt](mailto:mteresaribeiro@psicologia.ulisboa.pt))

7

#### Termo de Consentimento Informado:

Eu, \_\_\_\_\_, concordo, voluntariamente, em participar no referido projecto e declaro que tomei conhecimento dos objectivos e procedimentos do mesmo, bem como do meu papel e do meu filho, \_\_\_\_\_ enquanto participantes. Estou consciente que: poderei em qualquer momento recusar continuar sem nenhum prejuízo; os dados serão usados somente para fins científicos e garantem a confidencialidade. Os resultados gerais do estudo serão consultados caso solicitar. \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_. Assinatura do Encarregado de Educação: \_\_\_\_\_

Nome do investigador: \_\_\_\_\_

Agradecemos desde já a sua disponibilidade e colaboração!